

SELECÇÃO NACIONAL OPEN

Por Inocêncio Araújo

As representações nacionais que participaram nos últimos Campeonatos do Mundo (Bermuda Bowl, Venice Cup, Seniors Bowl e Transnacional) tiveram excelentes resultados, muito acima das expectativas, o que vem demonstrar que existe no bridge português capacidade para lutar, em todas as competições internacionais, por classificações bem melhores do que aquelas que normalmente têm ocorrido nos últimos anos.

Com excepção da brilhante vitória obtida pela selecção nacional open nos Campeonatos da CEE de 1998, todas as restantes participações das nossas selecções nas provas internacionais organizadas pela EBL e WBF tiveram resultados decepcionantes.

Dos resultados obtidos nos últimos Campeonatos no Mundo, merece-me uma especial análise o da Selecção Open. A Bermuda Bowl, pela fórmula em que é disputada, pelo número de encontros e mãos que envolve e pelo valor das equipas participantes, é a prova mais exigente do calendário internacional. Considero pois a participação da nossa Selecção nos Campeonatos do Mundo do Estoril extremamente relevante, em especial os resultados obtidos contra algumas das maiores potências do bridge mundial.

Na análise que pretendo fazer, duas perguntas se impõem. Será que estes resultados foram uma casualidade? Será que é possível melhorar e como?

A minha opinião é que de facto os resultados obtidos não foram obra do acaso e estão directamente relacionados com alguns elementos novos introduzidos pela Direcção da FPB no regulamento de selecção da equipa open para o Bermuda Bowl, elementos esses que se transcrevem:

“Introduzir, pela primeira vez nos últimos anos, o conceito de Seleccionador Nacional, como alguém que terá a última palavra sobre a constituição da Selecção de Portugal, a qual, apesar de condicionada, pelos resultados do Torneio de Selecção, de acordo com o regulamentado, será em definitivo escolhida pelo Seleccionador Nacional.”

“Serão escolhidos para integrar o grupo de trabalho dirigido pelo Seleccionador Nacional e pela Comissão Técnica, a escolher, os pares integrantes das duas equipas finalistas e um outro par escolhido pelo seleccionador, entre os que tiverem integrado as equipas derrotadas nas meias-finais.”

“A equipa nacional será, em princípio, constituída pelos dois pares pertencentes à equipa vencedora do Torneio de selecção e por um outro a definir pelo seleccionador a partir do grupo de trabalho.”

“Se algum dos dois pares da equipa vencedora, não cumprir o programa de trabalho, ou tenha durante a preparação um comportamento desportivo ou eticamente reprovável, o seleccionador tem o direito irrevogável, de o substituir por outro dos pares da equipa de trabalho constituída.”

Em resumo, a existência de um **Seleccionador Nacional**, com poderes para escolher os melhores de entre um conjunto de pares seleccionados com base nos resultados desportivos e a existência de um **programa de preparação** são factores essenciais para a melhoria dos

resultados na alta competição. Não quero dizer com isto que o que se fez na época passada tenha sido perfeito. O método de escolha dos pré-seleccionados pode e deve ser melhorado e o programa de preparação também. Mas o regulamento da época anterior estava no bom caminho e deu alguns frutos.

A Direcção da FPB não soube retirar dos resultados do Bermuda Bowl as devidas ilações e, dando sinais de uma enorme falta de visão sobre o que é necessário fazer no bridge de alta competição, publicou um regulamento de selecção, para esta época, semelhante ao da época anterior do qual retirou exactamente os dois elementos determinantes atrás referidos: o seleccionador nacional e o programa de preparação.

Mas o mais grave disto tudo é a forma como a Direcção da FPB fundamenta a sua decisão. Nas considerações preliminares ao actual regulamento, justifica-se esta opção com base nos bons resultados obtidos. Mas o que de novo e positivo se fez na época anterior e que deu bons resultados é exactamente o que se retira do regulamento para 2005-2006.

A velha fórmula do “quem ganha o torneio de selecção vai lá fora”, sem quaisquer outros factores de avaliação e independentemente de se preparar ou não, já provou que não dá os melhores resultados e não produz nenhum efeito positivo no bridge nacional. É uma fórmula que traduz uma visão egoísta, limitada e nada estruturante do bridge de alta competição.

Relativamente à segunda questão, é óbvio que se pode melhorar substancialmente a preparação dos pares que integram a selecção nacional, quer no domínio técnico quer no domínio psicológico.

Uma análise técnica detalhada dos erros cometidos, mão a mão, independentemente de quem os cometeu, daria boas indicações dos temas que se deveriam trabalhar nos futuros programas de preparação. De igual modo, a resistência à pressão competitiva deve ser objecto de preparação.

Os que se opõem à realização de um programa estruturado e continuado de preparação para o bridge de alta competição tem por hábito justificar a sua atitude com base na falta de recursos disponíveis para levar à prática um tal programa. Trata-se de uma posição confortável e simplista, mas que não corresponde à realidade. Os recursos existem. O problema é a forma como são aplicados. E além disso, um programa de preparação, devidamente estruturado e bem conduzido, seria concerteza objecto de novos apoios, até agora não explorados.

Esta é a única forma séria de encarar a participação de uma selecção em campeonatos internacionais. Evitar esta abordagem significa fugir à responsabilidade de gerir convenientemente os recursos disponíveis.